

**PERSPECTIVAS *QUEER*:
AUTORIA E NARRATIVAS DA CONTEMPORANEIDADE SOBRE GÊNEROS E
SEXUALIDADES**

Gean Oliveira Gonçalves¹

Resumo:

Entre os discursos e enunciados de sentido do mundo contemporâneo, as narrativas sobre gêneros e sexualidades dissidentes instauraram novas reflexões, desconstruções e conceitos que envolvem os marcadores sociais de diferença. Tal pesquisa quer questionar os modos como se conduz o panorama da diversidade de corpos, expressões de gêneros e orientações sexuais. Para isto, aborda-se a constituição das narrativas da contemporaneidade enquanto pedagogias culturais propondo-se a analisar livros de temática LGBT (isto é, que abordem a população de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais) por meio de uma epistemologia *queer*.

Palavras-chave: Narrativas. Teoria *Queer*. LGBT. Gênero. Sexualidade.

Do contexto de gêneros e sexualidades dissidentes

Na história da sexualidade humana, os últimos dois séculos representaram um salto nos saberes e discursos sobre as formas de interpretação, enunciação, regulação e compreensão dos corpos, dos desejos e das vivências de gênero e da sexualidade. Tais temáticas tornaram-se objeto do olhar de religiosos, cientistas, educadores, psicólogos, médicos, antropólogos e demais narradores do saber social.

Na modernidade, do espaço privado para a arena pública, assistimos ao florescimento das multidões de dissidentes sexuais, isto é, daqueles que ousam fugir dos padrões de pureza, sanidade e normatização dadas pelas instituições tradicionais, como o Estado, as religiões e as ciências biológicas e jurídicas, ao sexo, ao desejo e ao comportamento dos corpos ditados como masculinos e femininos.

Proliferou-se o número de atores dispostos a acentuar as feminilidades e as masculinidades como construções socioculturais e as práticas do prazer como dimensões formuladas narrativa e performaticamente. Sujeitos sociais que escapam das vias planejadas e roteirizadas para seus corpos ao sugerirem simbolicamente e na prática as possibilidades de

¹ Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP). E-mail: geangoncalves@usp.br.

proliferação das formas de gênero e sexualidade ou o caráter inventado e instável das identidades ao migrar ou permanecer na fronteira como “corpo estranho”. (LOURO, 2008)

Para isto, pouco a pouco se produziu nas sociedades ocidentais a visibilidade de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais (LGBT) e o apontamento das questões que envolvem a temática das orientações sexuais e da multiplicidade das identidades de gênero.

Com esta visibilidade, conseqüentemente, tornaram-se abertos os conflitos e empasses de uma nova cosmovisão das sexualidades com os grupos tradicionais e conservadores. A aceitação e o reconhecimento das pluralidades são alvos de ataques e campanhas de valores tradicionais com base em uma família “tradicional” e na lógica da reprodução, bem como alvos de manifestações de ódio perpetradas com extrema violência simbólica, agressões físicas e mortes.

Contudo, se por um lado lidamos com conflitos, por outro há avanços representados principalmente pela formalização de políticas de fortalecimento das populações em vulnerabilidade por causa da identidade de gênero ou orientação sexual² por meio de programas governamentais, ações de reconhecimento de especificidades e planos de equiparação de direitos em função de um acirrado debate público, da atuação dos movimentos sociais e dos apontamentos teóricos dos saberes produzidos nas universidades por estudos de cunho LGBT.

Em conformidade com os discursos dos movimentos sociais é possível dizer que o grande desafio, hoje, não é o mero reconhecimento da multiplicação das identidades ou que é impossível lidar com elas a partir de esquemas binários. O desafio maior talvez seja admitir que as fronteiras sexuais e de gênero venham sendo constantemente atravessadas e que há alguns sujeitos que vivem exatamente nas fronteiras.

Entende-se que narrativas *queer* podem permitir pensar as ambigüidades e a fluidez das identidades de gênero e orientações sexuais. Elas podem sugerir novas formas de pensar a

² Conforme os Princípios de Yogyakarta (2006) compreende-se a orientação sexual como a capacidade de cada pessoa de experimentar uma profunda atração emocional, afetiva ou sexual por indivíduos de gênero diferente, do mesmo gênero ou de mais de um gênero, assim como de ter relações íntimas e sexuais com essas pessoas. Ainda de acordo com tal legislação internacional de direitos humanos, identidade de gênero diz respeito à experiência interna e individual do gênero, profundamente sentida por cada pessoa, que pode ou não corresponder ao sexo atribuído no nascimento, incluindo o senso pessoal do corpo (que pode envolver, por livre escolha, modificação da aparência ou funções corporais por meios médicos, cirúrgicos ou outros) e outras expressões de gênero, inclusive vestimenta, modo de falar e maneirismos.

cultura, o conhecimento e o poder de forma que as diferenças não sejam apreciadas com curiosidade exotificante. Narrativas *queer* estariam voltadas para a instabilidade das identidades e em como a diferença alheia passa a ser vista ao lado, dentro e integrada nas redes do cotidiano.

Narrativas *queer* na Comunicação Social e em seus produtos culturais (jornais, revistas, telenovelas e demais narrativas ficcionais e não ficcionais para TV, rádio e internet) têm a potencialidade de em vez de meramente contemplar uma sociedade plural, dar conta das disputas, das complexidades e dos processos que tornam corpos normalizados e outros marginalizados.

Com esse olhar epistemológico, o presente estudo quer por em questão os enquadramentos hegemônicos e as possibilidades de transgressão, perturbação, intuição criativa e transformação realizadas em livros que se propõem a olhar de modo não ficcional as mobilizações dos dissidentes de gênero e sexualidade (dos *queers*).

Dessa forma, interroga-se como se dá a perspectiva de geração de informação, diagnóstico e conhecimento sobre gênero e sexualidade nas narrativas e autorias, muitas vezes, jornalísticas e antropológicas? Como se conduz a visibilidade, a representação e o panorama da diversidade de corpos, expressões de gêneros e orientações sexuais para além da heteronormatividade?

Para alcançar os objetivos delineados, a pesquisa segue as seguintes etapas: revisão bibliográfica sobre gênero e sexualidade na contemporaneidade, com especial atenção à perspectiva *queer*, levantamento dos livros proeminentes de narrativas de temática e de autoria por parte das LGBT; leitura cultural das obras; análise dos perfis autorais e editoriais; e, por fim, uma analítica *queer* desses produtos de representação e voz da diversidade.

Pesquisa *queer*? Narrativa *queer*? Afinal, do que estamos falando?

Na aventura de se descobrir e se constituir enquanto pesquisador há temáticas que se apresentam de forma curiosa. Surgem enquanto descoberta e em pouco tempo tornam-se atrativas e instigantes para problematizações, avaliações e análises. Contudo, há outros eixos temáticos que se impõem. São devidos à vivência e à experiência do sujeito pesquisador.

Traduz sua identidade, seu lugar de fala no mundo, sua sede de transformações e de atuação solidária.

Este é o caso dos estudos sobre gêneros e sexualidades. Sem prescindir das motivações pessoais, tornaram-se caros a mim em um primeiro momento pela navegação interior dos desejos, das práticas e das experimentações de quem se é.

Em uma segunda instância, enriqueceram meus olhos pela possibilidade de alteridade, empatia e capacidade de compreensão dos males e enfrentamentos diários das LGBT (lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais) no Brasil.

Dessa forma, a tarefa da investigação e explicação das categorias fundacionais de identidade de gênero e orientação sexual, para além de determinismos biológicos, explicações binárias ou dogmatismos religiosos, passa a ser permanente nos espaços ocupados na minha atuação.

Neste sentido, o jornalismo, como instância mediadora e enunciadora da vida societária, foi-me inspirador enquanto campo capaz de perpetuar narrativas dialógicas dos sujeitos e seus enfrentamentos às opressões, bem como espaço de reconhecimento da construção histórico-cultural de instâncias hegemônicas.

Já o ativismo e as mobilizações da população LGBT, das mulheres e dos negros e negras brasileiros foram os espaços de compreensão e de formação de laços de luta dos grupos lidos como minoritários. Campos do empoderamento pessoal, além de trocas sobre a perspectiva do outro, sobre o que significa ser lido como diferente e quais os privilégios e mecanismos de poder que um corpo detém a priori em uma sociedade culturalmente estruturada para gestão e controle por parte de homens brancos, cisgêneros³ e heterossexuais.

Em suma, são os espaços onde se compreende que o sujeito não é estável ou permanente. Há interseções estabelecidas com modalidades raciais, classistas, étnicas, sexuais e regionais de identidades discursivamente construídas.

Por fim, a Academia, na prática da pesquisa e nos diálogos, fomentou ainda mais estes temas-chave por meio dos questionamentos, experiências e vivências. Um exemplo deste fomento são as possibilidades abertas pela filósofa Judith Butler, em Problemas de gênero:

³ Em estudos de gênero, cisgênero diz respeito às pessoas cuja identidade de gênero está em concordância com o gênero designado em seu nascimento em virtude do genital e transgênero diz respeito àquelas que foram designadas com um gênero a nascer e não se identificam com ele. Logo, há mulheres com vagina, pênis ou intersexo e homens com vagina, pênis ou intersexo.

feminismo e subversão da identidade (2003), originalmente publicado em 1990, que partilha uma perspectiva interrogativa sobre o aparato simbólico e cultural que hierarquiza gêneros e práticas sexuais.

De acordo com Butler (2003), em nossa sociedade estamos diante de uma “ordem compulsória” que exige a coerência total entre sexo, gênero e desejo/prática. Esta ordem pode ser entendida como um regime falocêntrico e de heterossexualidade compulsória.

Tal obrigatoriedade ordinária entre os campos de identidade de gênero, desejo sexual e papéis sociais, em suma, dita uma legitimidade discursiva e interpretativa, uma matriz heterossexual binária: macho x fêmea, homem x mulher, masculino x feminino, pênis x vagina.

Contudo, há corpos que fogem a tal doutrinação. Sujeitos que escapam das amarras normativas de gênero e sexualidade. Uma multidão de dissidentes e desviantes (lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais masculinos e femininos, transgêneros não binários e intersexos) que em sua vivência rompem as categorias de corpo, sexo, gênero e sexualidade, ocasionando uma complexificação e ressignificação subversiva, bem como uma proliferação de identidades para além de uma estrutura binária.

É com um olhar de anseio pelo encontro, pela representação e escuta dessa multidão de corpos da diferença que proponho uma produção textual dentro do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação (PPGCOM) da Escola de Comunicação e Artes (ECA) da Universidade de São Paulo (USP), que aborde de forma inovadora, exploratória e transformadora o papel das narrativas da contemporaneidade enquanto espaços de compreensão, complexificação e propagação de reflexões, desconstruções e histórias que envolvem os marcadores sociais de gêneros e sexualidades.

Como campo emergente de reflexões entre os saberes subalternos, a Teoria *Queer* busca interrogar a centralidade da heterossexualidade nas categorias de gênero, sexualidade e desejo, com permissão à existência da homossexualidade quando moldada pelos valores comportamentais heterossexuais, isto é, que permite uma expansão da cultura gay quando esta é integrada aos valores heteronormativos.

Por saberes subalternos, consideramos a produção de conhecimento das supostas margens e muitas vezes com potencial transgressivo aos saberes hegemônicos constituídos na ciência ocidental. Diz respeito, dessa forma, a novas formas de questionamentos

epistemológicos vistos principalmente nos Estudos Culturais, nos Estudos Pós-Coloniais, nos Estudos Feministas e na Teoria *Queer*.

Por *queer* se entende o estranho, o excêntrico, o raro, o extraordinário, mas também uma conhecida forma de insultar pessoas homossexuais em inglês, algo como transviado na cultura brasileira. Os estudos *queer* são, portanto, a ressignificação e posituação das figuras subalternas em nossa cultura. Compreende um campo de avaliação das performatividades dos corpos: a instabilidade dos gêneros e sexualidades que é vigiada e contida e que perpetua a manutenção da ordem, mas também que gera a diversidade e a pluralidade dos modos de ser e dos modos de viver as identidades de gênero e os prazeres sexuais.

Em um universo narrativo, no qual expressamos e organizamos as experiências humanas pelo narrar, em um constante reforço da construção dos corpos masculinos e femininos tais como nós os vemos atualmente no âmbito da cultura, é necessário romper com os purismos biológicos do “natural” e da lógica da reprodução como finalidade dos corpos, bem como da criação e evolução do macho e da fêmea. Assim como entender como no campo dos estudos gays e lésbicos ao se formular uma posição de diferença e de grupo minoritário em inúmeros casos foi consagrada uma normalidade da heterossexualidade vivida de forma hegemônica em nossas sociedades.

Nesta rota de complexificação, proponho uma investigação das narrativas da contemporaneidade sobre gêneros e sexualidades. Para isto, adotarei aquelas consagradas em formato de livros (livros-reportagens, etnografias urbanas e histórias da cena viva) publicados no Brasil e agrupados em um gênero temático LGBT (por editoras e livrarias). Iniciativas que refletem uma autoria e sistemas organizativos do conhecimento sobre gênero e sexualidade.

Por narrativa da contemporaneidade (MEDINA, 2003), entende-se a arte de tecer o presente e de dar uma resposta humana diante do caos de sentidos. Diante do cosmo e da realidade, a capacidade de pautar, comunicar e organizar simbolicamente uma escrita coletiva.

Por autoria, ou função-autor (FOUCAULT, 2006), concebe-se a posição enunciativa de uma obra e escrita com valor criativo, autenticidade e originalidade. O processo de discurso com perspectiva individual e/ou dialógica diante de um momento histórico de processos sociais, políticos e econômicos. Ainda para Foucault (2006) “indica que esse discurso não é um discurso cotidiano, indiferente, um discurso flutuante e passageiro, imediatamente consumível, mas que se trata de um discurso que deve ser recebido que deve

ser recebido de certa maneira e que deve, em uma determinada cultura, receber um certo estatuto” (2006, p. 45).

Como narrativas de temática e de autoria por parte das LGBT, estas obras produzem informação, diagnóstico e conhecimento sobre os fatos sociais protagonizados pelos grupos não-heteronormativos. Dessa forma, interroga-se: como se dá a perspectiva de geração de informação, diagnóstico e conhecimento? Como se conduz a visibilidade, a representação e o panorama da diversidade de corpos, expressões de gêneros e orientações sexuais para além da heteronormatividade?

Para alcançar os objetivos delineados de interrogar os pressupostos heteronormativos e a posição de diferença e de grupo minoritário em autorias e narrativas contemporâneas, a pesquisa seguirá as seguintes etapas: levantamento dos livros proeminentes de narrativas de temática e de autoria por parte das LGBT; leitura cultural das obras; análise dos perfis autorais e editoriais; e, por fim, uma analítica *queer* desses produtos de representação e voz da diversidade.

Contemporaneidade e complexidade

“Todos os seres humanos nascem livres e iguais”, a premissa do 1º artigo da Declaração Universal dos Direitos Humanos só pode ser respeitada com base na constituição de valores globais de igualdade, diversidade e não discriminação.

Todavia, historicamente, pessoas experimentaram violências e gestos de desafio porque são percebidas como lésbicas, gays, bissexuais ou praticantes de um comportamento afetivo-sexual com pessoas do mesmo gênero ou em razão da busca pelo reconhecimento de sua identidade de gênero ao pertencerem aos grupos de transexuais, travestis e intersexuais.

Sofrem com a violência, assédio, discriminação, exclusão, estigmatização e preconceito, muitas vezes combinados com uma falta de proteção governamental e jurídica, em episódios no mercado de trabalho, nas escolas, nos hospitais, estabelecimentos comerciais e demais espaços públicos; bem como no seio familiar, com rejeição e maltratados. São vítimas dessas experiências que são agravadas quando se inclui as perspectivas de gênero, raça, religião, situação de saúde e status econômico. Marcas que atingem a integridade;

enfraquecem o senso de autoestima e de pertencimento social; e que levam muitas pessoas a reprimir suas identidades e a terem uma vida marcada pelo medo e pela invisibilidade.

Compreender que estas violações são decorrentes de discursos históricos de heteronormatividade e cisnormatividade com base nas religiões, sistemas de justiça e ciências médicas que privilegiam a manutenção do patriarcado e a supremacia do sujeito universal dos privilégios da cidadania e direitos (homem, branco, cisgênero, heterossexual e proprietário) é o primeiro passo para entender como socialmente estamos comprometendo um projeto de direitos humanos e cidadania. Alerta contemporâneo que é amplamente dado pelos grupos estigmatizados e alocados como em vulnerabilidade jurídico-social e por mecanismos de direitos humanos ao redor do mundo.

De acordo com as Nações Unidas (ONU), em 75 países há leis que criminalizam relações consensuais privadas entre pessoas do mesmo sexo ou a exposição de uma identidade de gênero divergente da compulsoriamente atribuída no nascimento – expondo seres humanos a episódios de privação da liberdade. Ainda é maior o número de nações em que pessoas LGBT estão vulneráveis a ataques físicos que resultam em espancamentos, estupros, torturas e mortes.

No Brasil, a cada 28 horas uma pessoa LGBT sofre violência homofóbica ou transfóbica, de acordo com dados mais recentes do Disque 100 da Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República. Segundo o Grupo Gay da Bahia (GGB), em 2013, foram contabilizados em todo o país 312 assassinatos. A entidade mais antiga do país, responsável pelo principal levantamento de dados de violência, acrescenta ainda que a maioria das mortes conta com requintes de crueldade e marcas de ódio já que são causadas por facadas, apedrejamentos ou armas de fogo.

O último relatório da ONG *Transgender Europe*, divulgado no início de 2015, aponta que o país registrou, entre 2008 e 2014, 689 mortes de travestis e transexuais. Os números conferiram ao Brasil o primeiro lugar do mundo em casos registrados.

Diante deste cenário, é fundamental a imediata implementação de uma cultura que questione o que significa ser lido culturalmente como um corpo performativo do diferente (“estranho”, “dissidente” ou “abjeto”), isto é, o debate político-social em todas as esferas públicas, sejam decisórias, educacionais ou midiáticas, dos direitos LGBT como direitos

humanos e a promoção das diversidades de gênero e sexual em uma perspectiva feminista e dos estudos culturais de gênero, raça e sexualidade atrelados com a Teoria *Queer*.

Questionar de uma forma ou de outra as afirmações universais de verdade das grandes narrativas da história dos segmentos sociais de prestígio. Não para imbricar em ideologias e novas normatividades de gênero e sexualidade, mas para desencadear um entendimento de como se conectam e se articulam as narrativas de marginalização da diferença. O problema interessante é como a diferença designa o “outro”? Quem define a diferença? Quais são as normas presumidas a partir das quais um grupo é marcado como diferente? Qual é a natureza das atribuições que são levadas em conta para caracterizar um grupo como diferente? Como as fronteiras da diferença são constituídas, mantidas ou dissipadas? Como a diferença é interiorizada nas paisagens da psique? Como são os vários grupos representados em diferentes discursos da diferença? A diferença diferencia lateral ou hierarquicamente? (BRAH, 2006, p. 359).

Procura-se, portanto, “embarcar na tarefa complexa, mas necessária, de identificar as especificidades de opressões particulares, entendendo suas interconexões com outras formas de opressão, e construir uma política de solidariedade”. (BRAH, 2006, p. 348).

Voltar-se para o dilema da produção simbólica, da ordem dos discursos e das narrativas implica aqui em uma elaboração epistemológica que desconstrói sentidos ideológicos e compreende na prática social as opressões e lutas que compõem o conhecimento na sociedade tecnocapitalista. De exercer uma prática científica para além da consciência ingênua, isto é, assumir a postura de mediação social do cientista que deixa de ser um sujeito-para-si ou sujeito-para-o-objeto para ser um sujeito-para-os-sujeitos. (SANTOS, 1989). Portanto, desafiar e elaborar um saber plural para além do signo da divulgação.

Uma sociedade democrática, com desigualdades sociais pouco acentuadas e com um sistema educativo generalizado e orientado por “uma pedagogia de emancipação e solidariedade”, por certo “produzirá” um senso comum diferente do de uma sociedade autoritária, mais desigual e mais ignorante (SANTOS, 1989, p. 38).

Para se pensar os campos de gênero e sexualidade, além da visão complexa, da sensibilidade intuitiva e do comportamento de política de solidariedade, faz-se necessário elaborar parâmetros de uma plurimetodologia analítica das narrativas da contemporaneidade.

Medina (2003) aponta que o exercício da narrativa e da autoria carrega consigo dificuldades racionais, intuitivas e operacionais. Dificuldades que ampliam a incomunicação (KÜNSCH, 2006) em um tempo e espaço onde se ampliam as oportunidades de informação, a atuação e o relato da experiência dos porta-vozes dos gêneros e sexualidades dissidentes. Está

ausente a narrativa que seduz e vincula, que fomenta redes de compreensão, que instaura o signo da comunhão (da comunicação e dos afetos).

Estariam nossas narrativas em volta a uma hipertrofia racionalizante? As obras e autorias coletivas das LGBT estão se constituindo em pedagogias para se explicar, com objetividade, simplesmente o fenômeno das diversidades de gênero e sexualidade? Ao invés de se conectar as ideias complexas, tais pedagogias contemporâneas são uma nova parcela dispersa de saber e comunicação afogada em certezas?

Em sua escavação teórica da prática da reportagem, do saber plural e das noções de operação da narrativa dialógica, Medina (2014) acrescenta uma possibilidade de leitura cultural que pode auxiliar na tarefa de compreender se as narrativas de gênero e sexualidades estão mais propensas à tarefa da difusão do que à elaboração dos sentidos afetivos de compreensão por meio da avaliação do protagonismo (perfis, histórias de vida), contextos sociais, raízes histórico-culturais e diagnósticos-prognósticos das fontes especializadas.

A contemporaneidade, tal qual as percepções traduzem em narrativas, oferece inúmeros desafios não só ao cidadão nela situado com relativo conforto, como ao que carrega o fardo da marginalização de qualquer origem – social, étnica, cultural ou religiosa. Enunciar um texto que espelhe o dramático presente da história é, a princípio, um exercício doloroso de inserção no tempo da cidadania e da construção de oportunidades democráticas. Ao se dizer, o autor se assina como humano com personalidade; ao deseja contar a história social da atualidade, o jornalista cria uma marca mediadora que articula as histórias fragmentadas; ao traçar a poética intimista, que aflora do seu e do inconsciente dos contemporâneos, o artista conta a história dos desejos. Da perspectiva individual, sociocomunicacional ou artística, a produção simbólica oxigena os impasses do caos, da entropia, das desesperanças, e sonha com um cosmo dinâmico, emancipatório (MEDINA, 2003, p. 48).

A pesquisadora aponta ainda desafios epistemológicos aos narradores da contemporaneidade, que serão de essencial valor na leitura cultural enquanto lupa metodológica, a saber, refletir sobre a formulação de marcas de responsabilidade social nas mediações; sobre a elaboração da pesquisa da narrativa cúmplice com a polifonia; da visão de mundo e atitude aberta à complexidade racional, à sensibilidade intuitiva e à estética inovadora; captar como se deu o possível desenvolvimento de intercâmbio interdisciplinar com outras áreas de conhecimento no contexto de paradigmas em crise e construção de novas noções para operar o Diálogo Social.

Na tarefa de se examinar o produto cultural da arte de tecer o presente, cabe ainda observar, por meio de novas noções de pensamento (MEDINA, 1992), os sujeitos

intercondicionantes, as intercausalidades, o universo poroso, o movimento de transformação do ciclo do tempo, o cenário complexo, os dados da realidade que refletem coerência, encaixe e sustentação; o modo como se configura a realidade cultural imediata por meio de ideias e conceitos, emoções e mitos, conceitos e comportamentos.

Dessa forma, o que se quer nos próximos momentos da pesquisa é ressaltar a necessidade do exercício de novas complexidades e compreensões dos gêneros e sexualidades para além dos círculos de saber LGBT, por via do diálogo e da negociação dos sentidos, opondo-se assim aos pensamentos hegemônicos que demarcam corpos com base em racionalismos, reducionismos e determinismos.

Está dado o desafio de se pesquisar e se experimentar com uma práxis inovadora de complexidade, afeição e poética:

Se as ciências da comunicação não promovem a necessária troca de inquietudes epistemológicas, não fazem jus ao signo da relação, fundamental no aperfeiçoamento tanto individual quanto grupal em qualquer instituição acadêmica que se preocupe com a geração de novas respostas às demandas histórico-sociais (MEDINA, 2014, p. 16).

Referências

BRAH, Avtar. Diferença, diversidade, diferenciação. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 26, p. 329-376, 2006.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

FOUCAULT, Michel. **O que é um autor?** 6ª ed. Lisboa: Nova Vega/Passagens, 2006.

KÜNSCH, Dimas. **Comunicação, Conhecimento e Compreensão**. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/R1091-1.pdf>>. Acesso em: 13 ago. 2015.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

MEDINA, Cremilda. **A Arte de Tecer o Presente, Narrativa e Cotidiano**. São Paulo: Summus, 2003.

_____. Narrativas da Contemporaneidade: epistemologia do diálogo social. **Triade: comunicação, cultura e mídia**. Sorocaba: v. 2, n. 4, dez. 2014, p. 8-22.

_____. **Jornalismo e a epistemologia da complexidade.** Novo Pacto da Ciência 1, ECA, 1992.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Introdução a uma ciência pós-moderna.** Rio de Janeiro: Graal, 1989.